

>> *Temática Especial*

## Entre ABC's, glórias, pelejas, encontros, desafios: o ensino da Capoeira pela Literatura de Cordel

Paulo Cesar da Silva Gonçalves\*

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão\*\*

### Resumo:

Este artigo tem como objetivo problematizar um dos recursos potencialmente importantes para a aprendizagem da capoeira: a literatura de cordel, bem como sugerir prática docente à luz desse gênero. Nesse sentido, apresenta aspectos de similaridades e singularidades dessas duas culturas, como ambas serem Patrimônio Imaterial da Humanidade, a Capoeira com a Roda e os Saberes dos Mestres e a Literatura de Cordel com seus textos impressos. Justifica-se por acreditarmos que tanto a capoeira quanto o cordel convergem no que diz respeito as marcas identitárias da região Nordeste. Diferente de outras regiões do Brasil, a nordestina tem na literatura de cordel um importante difusor dos seus fatos, personagens, história e cultura. Assim, esta produção discute temáticas fundantes a Educação pelo olhar da obrigatoriedade do Ensino da Capoeira oriunda da Lei 10.639/2003. Isso inclui uma passagem crítica e reflexiva sobre o daltonismo cultural e a perspectiva monocultural de ensino. Pelas análises dos cordéis foi possível percebermos que essa literatura contribui para descortinar assuntos ainda latentes em nossa cultura como a intolerância religiosa, o preconceito, a discriminação racial, o racismo etc. Em suma, enveredarmos por temas relacionados à história e cultura da capoeira.

### Palavras-chave:

Capoeira. Literatura de Cordel. Educação. Sequência Didática.

## Among ABC's, glories, fights, encounters, challenges: the teaching of Capoeira through Cordel Literature

**Abstract:** This article aims to problematize important potential resources for learning capoeira: the cordel literature, as well suggest teaching practice in the light of this genre. In this regard, presents aspects of similarities and singularities of these two cultures, as both are Intangible Heritage of Humanity, the Capoeira with the Wheel and the Knowledge of the Masters and the Cordel Litera-

\* Mestre em Educação. Professor do Colégio Estadual Kleber Pacheco de Oliveira em Lauro de Freitas (BA). E-mail: [gsilva.paulo@gmail.com](mailto:gsilva.paulo@gmail.com). ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-5651-6522>.

\*\* Doutor em Educação Física. Professor da Faculdade de Educação – Faced (UFBA). E-mail: [bruno.abrahao@ufba.br](mailto:bruno.abrahao@ufba.br). ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-8274-2539>.

ture with their printed texts. It is justified because we believe that both capoeira and cordel converge regarding the identity marks of the Northeast Region. Different from the others regions from Brazil, the northeastern has in the cordel literature an important disseminator of its facts, characters, history and culture. Therefore, this production discusses fundamental themes of Education from the point of view of the compulsory teaching of Capoeira arising from Law 10.639/2003. This includes a critical and reflective passage on cultural color blindness and the monocultural perspective of teaching. Through the cordel analysis, it was possible to perceive that this literature contributes to uncovering issues that are still latent in our culture, such as religious intolerance, prejudice, racial discrimination, racism, etc. In short, we embarked on themes related to the history and culture of capoeira.

**Keywords:** Capoeira. Cordel Literature. Education. Following teaching.

## Entre ABC's, glórias, lutas, encontros, desafios: la enseñanza de la Capoeira a través de la Literatura Cordel

**Resumen:** Este artículo vas traer como objetivo principal la problematización de recursos potencialmente importantes para la aprendizaje de la capoeira: la literatura de cordel, así como sugerir prácticas docentes a la luz de este género. En este sentido, presenta aspectos de similitudes y singularidades de estas dos culturas, como ser ambas Patrimonio Inmaterial de la Humanidad. La Capoeira con la Roda y los Saberes de los Mestres y la Literatura Cordel con sus textos impresos. Se justifica porque creemos que tanto la capoeira como el cordel convergen en cuanto a las marcas de identidad de la región Nordeste. A diferencia de otras regiones de Brasil, la región nororiental tiene en la literatura cordel una importancia difusora de sus hechos, personajes, historia y cultura. Así, esta producción discute temas fundamentales de la Educación desde el punto de vista de la enseñanza obligatoria de la Capoeira derivada de la Ley 10.639/2003. Esto incluye un pasaje crítico y reflexivo sobre el daltonismo cultural y la perspectiva monocultural de la enseñanza. A través del análisis de los hilos se pudo percatar que esta literatura contribuye a develar cuestiones que aún están latentes en nuestra cultura, como la intolerancia religiosa, los prejuicios, la discriminación racial, el racismo, etc. En resumen, nos embarcamos en temas relacionados con la historia y la cultura de la capoeira.

**Palabras clave:** Capoeira. Literatura Cordel. Educación. Siguiendo la Enseñanza.

### Introdução

As escolas têm a função de legar o patrimônio cultural historicamente acumulado pela humanidade. Um dos conteúdos constituintes deste rico acervo é a capoeira. Isto quer dizer que ela deve ser ensinada conforme os códigos e valores que primam a instituição escolar através dos diferentes componentes do currículo como a Educação Física que tem como parte do seu conteúdo a capoeira. A demanda de ensiná-la trouxe para a escola questões que impactam a intervenção pedagógica como a cultura escolar, a qualificação do corpo docente, utilização de material didático e os materiais didáticos. Assim, o objetivo deste artigo é problematizar um destes recursos potencialmente importantes para a aprendizagem da capoeira: a literatura de cordel.

Tanto a capoeira quanto o cordel convergem no que diz respeito as marcas identitárias da região Nordeste. Diferente de outras regiões do Brasil, a nordestina tem na literatura de cordel um importante difusor dos seus fatos, personagens, história e cultura. A capoeira, por sua vez, tem como um dos seus principais mitos fundadores o fato de ter sido uma luta criada pelos povos escravizados radicados no Brasil para se defenderem dos capitães do mato das fazendas de cana

de açúcar do Recôncavo da Bahia nas fugas rumo à liberdade. Um outro elemento para justificar a atenção aos cordéis tem a ver com a qualificação do ensino da capoeira nas escolas. Partindo do princípio de que a educação se faz também, e principalmente, nas vivências cotidianas, é pertinente destacar que a cultura popular e as contações de história são relevantes para a construção do conhecimento. Assim, o cordel contribui de forma significativa para um aprendizado mais específico, isso proporciona um resgate cultural das raízes de um povo. Tudo ganha vida na literatura de cordel, inclusive a capoeira. Diante disso, a questão que nos orienta é: “De que maneira os cordéis narram, através da sua forma específica de versos e rimas, aspectos históricos e socioculturais da capoeira caros para o seu ensino na escola?”.

Nesse diapasão, importante se faz entendermos que o cordel é poesia e, dessa forma, é um gênero potente para consubstanciar a práxis leitura e escrita em sala de aula. No entanto, como bem disse Lajolo (2001), devemos trabalhar o texto literário de forma que o/a discente possa, a partir dele fazer conexões com outros textos, possa ainda discutir temas da contemporaneidade tendo como parâmetro uma temática do século XX, por exemplo, buscar extrapolar o sentido que está na superfície do textual. A literatura de cordel é potente para isso, basta buscarmos seus significados impressos nos seus versos.

A Capoeira e a Literatura de Cordel apresentam similaridades e singularidades desde a sua origem, a região Nordeste do Brasil. Além disso, essas culturas têm na oralidade um porto seguro para a sua transmissão e assimilação do público simpatizantes a elas. Outra particularidade delas é a musicalidade, pois tanto a capoeira quanto a literatura de cordel se baseiam nela. Ademais, essas duas culturas são registradas como Patrimônio Imaterial da Humanidade, a Capoeira com a Roda e os Saberes dos Mestres (IPHAN, 2014) e a Literatura de Cordel com seus textos impressos (BRASIL, 2018).

Outrossim, tanto a capoeira quanto a literatura de cordel em suas singularidades são denominadas como Cultura Popular e coexistem paralelamente à cultura sacralizada como a oficial. Todavia, não ocupa o mesmo lugar de destaque quando comparadas aos cânones literários do Brasil porque as instituições de ensino reconheceram esta literatura como maior e mais importante, já que representava o poder político e elites culturais e econômicas que instituíram a hegemonia e a noção de superioridade em detrimento à cultura popular (AZEVEDO, 2004).

Becker e Oliveira (2020, p. 2), de forma bem acertada, nos dizem que a “a instituição escola é espécie de travessia, um caminho entre a casa e o mundo: uma escola é construída por pessoas – as quais carregam e demonstram (por meio da linguagem e de ações) saberes, crenças, ideologias”. Nesse caminho, percebemos, então, que a escola é (co)responsável pela formação discente não somente em relação às disciplinas como Educação Física, Geografia, Matemática etc., mas também no que concerne ao constructo do trato com as relações étnicos raciais e, nesse sentido, o cordel e a capoeira vão nessa direção.

No entanto, mesmo com a obrigatoriedade da Lei nº 10.639/2003<sup>1</sup>, não há no currículo instuído dessas escolas diretrizes específicas para projetos que envolvam práticas pedagógicas com viés de linguagens de matriz africana. Apenas foram implementadas disciplinas com abordagem nesse caminho, a exemplo de Cultura Afro e Artes. Ressaltamos, ainda, que com a implementação do Novo Ensino Médio, a disciplina Cultura Afro foi retirada da Matriz Curricular das escolas. Há um direcionamento das energias para práticas pedagógicas com tema relacionado à cultura negra no mês de novembro, mais especificamente em 20 de novembro, por ser o dia da Consciência Negra. Algo inadmissível, porque posturas como estas direcionam os alunos/as a verem parte de nossa cultura como folclorizada mesmo como nos referimos à Capoeira, ao Maculelê, ao Samba de Roda e a Puxada de Rede, culturas vivas no Brasil e fora dele. Sobre isso Lima (2015) chama

<sup>1</sup> Determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica de todas as escolas, especialmente, nas áreas de Artes, Literatura, História Brasileira e Educação Física (BRASIL, 2003).

esse tipo de postura como ativação do “Currículo de Turista”, pois somente é utilizado em um momento, depois volta-se tudo ao que era.

Nessa perspectiva, os alunos/as acabam sabendo pouco acerca de sua formação cultural, porque os livros didáticos contam essa história a partir do olhar do dominador, do europeu. Os corpos que aparecem nesses materiais, geralmente, têm a tez branca, a poesia, o poema e mesmo a prosa, em demasia, são escritos por homens brancos e poucas mulheres, mas também brancas. Abordagens como essas, mascaram o Mito da Democracia Racial, pois, infelizmente, os/as alunos/as negros/as não se veem nos livros didáticos; como também não são contemplados com discussões sobre suas origens, mas acham tudo normal e vão vivendo achando que a subalternidade cultural é o melhor lugar para eles (LIMA, 2015).

Entendemos, ainda, que tanto a Literatura de Cordel quanto a Capoeira trazem em seu bojo a práxis leitura e escrita como fundamental para o aprendizado, além de fomentar, a partir de sua prática, habilidades e competências de concentração, ritmização, musicalidade entre outras possibilidades para contribuir com a formação e o aprendizado discente. Também por ser uma ação que busca a dialogicidade com a verdadeira participação do discente como protagonista. Assim, vai de encontro à aula assistencialista àquela que apenas introjeta no/na discente um conteúdo específico e/ou generalista, mas esse/a aluno/a não se posiciona, não critica, não faz inferências, alusões etc. (FREIRE, 2018).

Dessa maneira, a Literatura de Cordel, como tipo de poema popular, oral e impresso em folhetos é visto como ferramenta para a aprendizagem da história da capoeira. Os folhetos de cordel, que mantêm local de destaque na disseminação da cultura popular nordestina, são ferramentas capazes de abordar diversas temáticas com os públicos de faixa etária diversa, independente de gênero, raça, cor ou posição social.

Levar a Literatura de Cordel para a escola pública é uma forma de resignificá-la, de apresentá-la como um gênero textual de igual valor aos textos canônicos, mesmo porque, infelizmente, muitas escolas ainda privilegiam textos clássicos em detrimento ao cordel nascido no Nordeste. Percebemos uma espécie de daltonismo ao enxergar apenas a cultura eurocêntrica como a mais importante para o ensino e a aprendizagem. Isso porque na maioria das práticas pedagógicas apresentadas por educadores/as esse viés é tomado como o mais importante (CANDAU, 2013). Essa perspectiva descarta as diferentes culturas e as diferenças dos/as estudantes como fundantes para uma Educação exitosa.

Candau (2013, p. 13) nos conclama a desvelar este daltonismo cultural “para que possa oferecer espaços e tempos de ensino-aprendizagem significativos e desafiantes para os contextos sociopolíticos e culturais atuais e as inquietudes de crianças e jovens”. Esses espaços desafiantes não precisam ser megalópoles escolares. No entanto, direitos básicos e fundamentais para uma educação igualitária, sem distorções advindas de racismo e preconceito devem ser observados. Parte desses direitos estão previstos na Lei 10.639/2003, porém muitas escolas fingem que ela não existe e a visão monocultural continua imperando. De acordo com a mesma autora:

No caso da educação, promove-se uma política de universalização da escolarização, todos/as são chamados a participar do sistema escolar, mas sem que se coloque em questão o caráter monocultural e homogeneizador presente na dinâmica, tanto no que se refere aos conteúdos do currículo quanto às relações entre os diferentes atores, às estratégias utilizadas nas salas de aula, aos valores privilegiados, etc. (CANDAU, 2013, p. 21).

Esse viés apresentado torna-se evidente quando observamos, por exemplo, que a Lei nº 10.639/2003 completou vinte anos e boa parte das escolas fingem respeitá-las e cumpri-las com o mascaramento de ações estanques e periódicas em datas comemorativas. Sem dúvida, custa bem mais modificar o currículo instituído a respeitar uma Lei que visa a reparação advinda de anos de

escravidão. Assim, a população negra e afro-brasileira continua à mercê da cultura, ou melhor, da monocultura do saber e sofre as consequências de uma visão atrasada e desqualificante de todas as potencializações que o povo brasileiro adquiriu ao longo de tantos anos de resistências. Quando se privilegia somente a cultura hegemônica, branca e masculina calcada na tradição europeia, percebemos um afunilamento das possibilidades interpretativas e reflexivas de abordagens pelos docentes e pelos discentes advindos do multiculturalismo.

## O caminho metodológico

Nossas fontes são os cordéis que encontramos em “lugares de memória” em Salvador, a partir de visitas em acervos a fim de levantar material para a compreensão de aspectos históricos e socioculturais para o ensino da capoeira. Optamos por encontrar os cordéis em feiras, museus e bibliotecas por entendê-los, no sentido de Nora (1993), como “lugares de memória” nos quais se destacam as referências aos mitos fundadores da construção das identidades. Dessa forma, ao garimpar os cordéis nesses lugares, de certa forma, o pesquisador está a serviço da re(construção) da memória da capoeira através dos achados na Literatura de Cordel utilizada por mais de um século por pessoas, comunidades e grupos, particularmente vinculados à população nordestina brasileira (CASCUDO, 2006; ABREU, 1999).

Dado ao fato de o cordel ser lido por milhares de pessoas, ele passa a ter uma relação cara com a memória coletiva: aquilo que determinado autor quis que fosse lembrado (HALBWACHS, 1990). Neste sentido, vale ressaltar que produções como as do cordel favorecem e reforçam o processo de memorização, tão importante para a construção da identidade local por compor o processo de registro das memórias de um povo.

Como método, optamos pela Pesquisa Documental e utilizamos os cordéis, com a temática capoeira como “corpus” para análise (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANO, 2009). Iniciamos as buscas dos cordéis em lugares de memória, no início do mês de março de 2020. Fomos a duas instituições, a saber: Fundação Mestre Bimba (FMB) e Acervo da Laje, ambas em Salvador (BA), a primeira localizada no Centro Histórico de Salvador (Pelourinho) e a segunda no Subúrbio Ferroviário desta cidade. Não fomos a outros lugares de memória em razão da pandemia. Restringimos nosso lócus de pesquisa a Salvador (BA) por ser a cidade referência da Capoeira, considerada a Meca<sup>2</sup> desta manifestação cultural de matriz afro-brasileira.

Na visita ao Acervo da Laje, encontramos cordéis de temáticas variadas, a exemplo dos clássicos: *A chegada de Lampião ao inferno* e *O Encontro de Lampião com Antônio Silvino*, entre outras obras, porém nenhuma sobre nosso objeto de pesquisa, a capoeira. Na FMB encontramos 6 (seis) obras. O autor das três primeiras obras é Victor Alvim Itahim Garcia, carioca, cordelista, cantor, compositor, sambista e capoeirista. O autor da quarta obra é Olegário Alfredo, Mestre Gaio, mineiro, cordelista e capoeirista. A autora das duas últimas obras é Isa Mulatinho, mestra de capoeira, cordelista e professora. Vejamos, então, a Tabela 1:

---

<sup>2</sup> Local que constitui ou é considerado a sede ou o núcleo de determinada atividade (exemplo: meca do cinema, meca da arquitetura). Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/meca>.

**Tabela 1 – Títulos e autores de cordéis sobre Capoeira na Fundação Mestre Bimba**

NR	TÍTULO	CIDADE
01	GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). <i>Manduca da praia: o Lendário Capoeira do Rio Antigo</i> . Rio de Janeiro: Projeto Capoeira Viva: Museu da República, 2007. 22 p. Capa com xilogravura Erivaldo.	Rio de Janeiro
02	GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). <i>O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu</i> . Rio de Janeiro: Projeto Capoeira Viva: Museu da República, 2008. 22 p. Capa com xilogravura Erivaldo.	Rio de Janeiro
03	GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). <i>ABC da Capoeira para crianças</i> . Rio de Janeiro: Projeto Capoeira Viva: Museu da República, [200-]. 22 p. Capa com xilogravura Erivaldo.	Rio de Janeiro
04	ALFREDO, Olegário (Gaio). <i>O encontro de um Angoleiro com um Regional</i> . Belo Horizonte: [s. n.], 2005. 8 p. Capa com desenho Costa Leite.	Belo Horizonte
05	MULATINHO, Isa da Rocha. <i>Capoeiragem no Recife dos Brabos</i> . Recife: [s. n.], 2007. 8 p.	Recife
06	MULATINHO, Isa da Rocha. <i>Histórias da Capoeira Pernambucana</i> . Recife: [s. n.], 2008. 11 p.	Recife

Fonte: Elaborado pelos autores.

Não apresentaremos a análise da completude das obras, porque todos os cordéis têm mais de 32 (trinta e duas) estrofes, mas sim, escolher algumas passagens de cada produção e estabelecer diálogos com questões sociais, históricas e políticas que envolvem a capoeira em contextos de épocas e lugares distintos.

Salientamos que usaremos duas nomenclaturas para nos referirmos aos praticantes da capoeira, a saber: Capoeira e Capoeirista. A primeira palavra refere-se ao praticante da capoeira que não era denominado de mestre, ou mesmo pela capoeira não ser uma profissão. Esse contexto se deu até as duas primeiras décadas do século XX. Já a nomenclatura capoeirista se refere ao mestre de capoeira, ao ator social que ensinava a prática de capoeira.

## Resultados e Discussão

Diante do contexto, em razão da pandemia, resolvemos analisar os cordéis em vista de acharmos caminhos para trabalharmos temas oriundos de questões sociais, culturais e políticas sobre a capoeira.

### *a. Manduca da praia: o Lendário Capoeira do Rio Antigo*

Esta obra faz referência ao ano de 1848, quarenta anos antes da Abolição da Escravatura, época em que a capoeira do Rio de Janeiro era considerada crime, e traz à baila capoeiras forjados em maltas<sup>3</sup> de valentes. Nesse sentido, se destaca um capoeira temido e destemido por todos: polícia, militares, ladrões, maltas etc. Seu nome era Manduca da Praia.

[...]

Foi bem antes da República  
Ter sua proclamação  
Nessa época ainda  
Existia a escravidão

3 Grupos de pessoas, em sua maioria capoeiras, que viviam à margem da sociedade. Alguns libertos, outros escravizados. Dividiam-se, no Rio de Janeiro, entre dois grupos rivais, os Nagoas e os Guaiamus (PIRES, 2010).

Voltemos 40 anos  
Antes da abolição  
[...].  
(GARCIA, 2007, p. 3).

Manduca vivia da venda de peixes e de serviços para políticos importantes, daí podemos dizer que também fora um capadócio<sup>4</sup>. Nas palavras de Marinho (1945, p. 47) “Manduca é o tipo perfeito e acabado do capadócio de alcouce, rufião seresteiro, com nome, fama e glória nos conflitos da zona do fêmeço, entre fuzileiros navais e guardas da polícia”. Assim, ser capadócio o deixava no limiar entre o valentão que resistia às intempéries das perseguições do governo e do homem que traía seu povo ao defender os políticos. De acordo com Sodré (2005, p. 155), antes da Abolição da Escravatura e da República Velha, o capoeira era utilizado por políticos para servirem de seguranças

[...]  
Fazia da capoeira  
Sua outra profissão  
Políticos importantes  
Contratavam o valentão  
Para ser o guarda costas  
E fazer a proteção  
[...].  
(GARCIA, 2007, p. 8).

O clímax dessa história se dá com a luta entre o Deputado Santana e Manduca. Santana era outro lutador afamado, português de origem, nunca tinha perdido uma luta e a fama do lutador brasileiro o incomodava. Assim se daria o combate: português versus brasileiro. Antigo colonizador contra o antigo colonizado.

[...]  
O deputado Santana  
Desafiou pra uma luta  
Manduca da Praia que  
Aceitou logo a labuta  
Marcou local, dia e hora  
Onde seria a disputa  
[...].  
(GARCIA, 2007, p. 15).

Manduca, diferentemente de Santana, viveu em tempo de proibições da capoeiragem no Rio de Janeiro. Todavia, pelo conhecimento que tinha com os políticos da monarquia, por exercer seus serviços de capadócio conseguiu se livrar de todos os processos crimes imputados a ele. É como se tivesse permissão para brigar e desafiar a todos do Rio Antigo. Aos capadócios regalias eram permitidas em função dos benefícios políticos emanados por eles.

---

<sup>4</sup> Termo que designa uma pessoa trapaceira. Além disso, no contexto da época o capadócio fazia serviço de capanga, de guarda-costas de político.

[...]  
Mas de todos se livrou  
Devido aos conhecimentos  
E influências que tinha  
Em todos os segmentos  
Por medo ou necessidade  
De usar dos seus talentos  
[...].  
(GARCIA, 2007, p. 10).

Manduca não respeitava nem mesmo as festas sagradas, a exemplo da festa da Santa Penha, local em que o povo se misturava entre barradas de comida e de bebidas. O samba e o batuque eram experimentados por muitos cariocas e turistas e a capoeiragem sempre esteve presente. O sagrado de certa forma ficava de lado e o momento profano se empoderava entre os participantes.

[...]  
A Igreja da Penha fica  
No alto de uma pedreira  
Embaixo ficam armadas  
As tendinhas de madeira  
Tem barraca de comida  
Bebida e brincadeira  
  
Foi numa dessas barracas  
Que a encrenca começou  
Um romeiro que passava  
Com Manduca encrespou  
Mas tomou uma rasteira  
No chão ele desabou  
[...].  
(GARCIA, 2007, p. 11).

Diante do contexto de perseguição aos capoeiras da época, acreditamos que a intenção não era somente retirar os capoeiras das ruas do Rio de Janeiro pelas arruaças, brigas etc., implementadas por eles, mas também a ideia tinha características eugênicas, pois o Brasil queria limpar as suas ruas, desocupar os casarões abandonados e retirar os negros e brancos pobres delas, isso incluía estrangeiros europeus desocupados, como os fadistas<sup>5</sup> (COLUMÁ, 2020).

### **b. O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu**

Esta obra demarca o impedimento de Caiçara<sup>6</sup> entrar no céu, a partir de um tema bastante atual, a discriminação. A trama se desenrola no momento em que o Padre Cícero inquire o Mestre Caiçara e ele declara ter se envolvido em diversas façanhas e querelas em sua vida pregressa, como

---

5 Exímios lutadores portugueses. Manejavam a navalha e o cacete de forma incomum. Degredados de Portugal para o Brasil compuseram o número de brigões e arruaçeiros do Rio Antigo (COLUMÁ, 2020).

6 Mestre Caiçara, baiano de Cachoeira, viveu por décadas no bairro da Liberdade, em Salvador (BA) onde ensinou a prática da Capoeira.

brigas, arruaças, jogos de azar, bebedeiras, vadiagem na capoeiragem, poligamia, além de ser candomblecista. Nesse lastro, Garcia (2008, p. 14) apresenta uma estrofe acerca disso:

[...]  
(Padre Cícero)  
– O senhor me confessou  
Viver da capoeiragem  
E que eu saiba: capoeira  
É o mesmo que vadiagem  
É coisa de vagabundo  
Que vive na malandragem!  
[...]

De certo, o cordel de Garcia (2008) nos remete à 1997, ano do falecimento do Mestre Caiçara e nos faz refletir sobre a discriminação da capoeira quase no século XXI. Resquício de toda a contracultura que predominava no Brasil nos idos das primeiras décadas do século XX, em que a capoeira e todas as manifestações de matriz afro-brasileira eram criminalizadas pelo Código Penal de 1890.

[...]  
(Padre Cícero)  
-Capoeira eu sempre soube  
Ser coisa de marginal  
Inclusive é proibida  
Pelo código Penal  
Desde os tempos do compadre  
Deodoro, o Marechal  
[...].  
(GARCIA, 2008, p. 14).

Sabemos, também, que para a ressignificação de determinada cultura de um povo, o caminho não é curto, ainda mais em um país retrógrado como o nosso, em que há resistência à valorização de uma cultura oriunda de uma que não seja europeia. Nesse sentido, presenciamos vestígios do preconceito e do racismo até hoje, pois, infelizmente, pretos e pardos em nosso país amargam números expressivos em relação ao desemprego.

Se hoje, pretos e negros amargam números expressivos em relação ao desemprego, indubitavelmente, o fator preponderante é o racismo estrutural que se mascara no discurso de que essas pessoas são menos qualificadas do que as outras. Quando se trata da mulher preta e/ou negra, os números são maiores. Dessa forma, é de se esperar que na década de 1990 grande parte da sociedade visse a capoeira como uma cultura menor por ter a sua gênese de povos do continente africano.

Nesse sentido, o cordel apresenta um viés crítico e reflexivo ao denunciar o preconceito à capoeira, à discriminação e intolerância religiosa ao Candomblé, bem como sugere respeito a toda e qualquer religião. Isso, torna-se explícito na estrofe a seguir, de (GARCIA, 2008, p. 17).

[...]  
(Me Caiçara)  
- Me responda uma coisa:  
Que diferença é que faz

Rezar pros santos da igreja  
Ou então pros orixás?  
O respeito entre as crenças  
Traria muito mais paz.  
[...]

Qual a diferença entre rezar para um santo da igreja ou para um orixá? Essa é uma reflexão plausível e coerente, pois toda e qualquer oração sendo verdadeira e honesta não trará mal algum, pelo contrário, é emanação positiva de energia, de vibração. Ademais, a palavra traz consigo o poder do convencimento, da persuasão e quando executada com fé, a tendência é de sucesso em seu pleito, em seu objetivo.

### ***c. Capoeiragem no Recife dos Brabos***

Pelo menos desde o século XVIII, a capoeira pernambucana, representada pela sua capital Recife, se apresentava envolvida em incidentes com capoeiras, homens valentes e brabos, como também eram conhecidos. Eles estavam em muitos lugares, nas ruas, nos becos, nos casarões antigos, nas feiras, em trabalhos em portos etc. Nesse cenário, apareciam bastante em eventos festivos, a exemplos de reisados, carnaval, pastoris; como também em eventos políticos e muitos deles se envolviam em pendengas, daí a relação deles com o poder estabelecido não ser amistosa, longe disso, porque nos idos de 1776, o governador José César de Menezes considerava a capoeiragem como uma contravenção penal, prática criminosa, que causava mais mazela do que a fome.

Na nossa província, a ação da capoeiragem foi entendida pelo governador José César de Menezes como uma prática de bandidos que causava mais danos que a fome, a peste e a guerra, o que fez com que, em 1776, fosse decretada oficialmente a prisão aos capoeiras pelo então Dr. Casado Lima – delegado do 1º distrito. Tal decreto teve o apoio do governador Barbosa Lima, o qual decretou guerra principalmente depois do episódio, em 1773, quando consta o assalto ao Palácio do Bispo pelos capoeiras. (BELTRÃO, 2022, p. 14).

Este recorte de Beltrão (2022) rememora a capoeira como uma prática de bandidos e traz o discurso do poder estabelecido da época comparando-a com a peste e a guerra. Não minimizando as agruras da peste e da guerra, mas será que existiu mazela maior do que a escravização de negros? Será mesmo que os negros deveriam aceitar essa condição de escravizados pacificamente? Para nós, a resposta é não, porque sabemos que eles viviam em condições subumanas e eram considerados mercadorias, propriedades apenas. Dessa forma, vemos atos considerados como “insubordinados” necessários para mostrar aos poderes que os negros não deveriam estar escravizados. No entanto, entendemos o contexto da época e sabemos o quão foi difícil passar de escravizado para “liberto”, como também os latifundiários largarem um mercado tão lucrativo quanto o referenciado. Como se diz aqui pela Bahia, “largarem o osso”.

Praticada pelos Brabos  
E valentes nas entocas  
Com rasteiras e pernadas  
Desafios pelas Docas...

Em todas as festividades  
lá estavam os Capoeiras  
em Comícios, Pastoris

Carnavais, São João e Feiras  
[...].  
(MULATINHO, 2007, p. 1).

E nesse contexto, este cordel conta algumas passagens da história da capoeiragem de Recife, o que contribui para que possamos entender como capoeiras se comportavam e viviam em tempos de represálias, de perseguições e de punições para quem se manifestava com seus corpos através da cultura afro-brasileira. Uma das formas era viver nas entocas, ou seja, escondido das forças policiais.

#### **d. O encontro de um Angoleiro com um Regional**

Este cordel traz à baila a velha rivalidade entre as Capoeiras Angola e Regional. A questão precípua e corriqueira é que a angola veio primeiro, dessa forma é a capoeira original e ancestral e a regional seria uma mistura de lutas da cultura afro-brasileira com influências orientais e europeias (REGO, 1968).

Essa perspectiva de a capoeira angola ser mais antiga do que a regional aparece de forma metafórica, o autor utiliza o vocábulo menino para insinuar que a regional é mais nova. Vejamos:

[...]  
– Comigo você não vai  
Tirar uma de sisudo  
Dentro da capoeirada  
Menino leva cascudo  
Mando logo para escola  
Vê se aprende com o estudo.  
[...].  
(ALFREDO, 2005 p. 4).

De algum modo, essa construção permeia a memória coletiva dos capoeiristas dissidentes da linhagem do Mestre Pastinha<sup>7</sup>. Essa tratativa de se questionar qual capoeira se originou primeiro, de certa maneira, aguça a memória de pesquisadores para melhor entender como se deu esse processo; como também nos encaminha para percebermos similaridades e singularidades das duas culturas pelas suas tradições.

Essa discussão entre as capoeiras angola e regional se inicia em um momento em que o Mestre Bimba cria a Capoeira Regional em 1928 e estreia processos de tradições dentro desse novo conceito de capoeira na Bahia. Nesse contexto, é importante relativizarmos o conceito de tradição, por sabermos que ela é mutável e inventada de acordo com as mudanças na e da sociedade. Além disso, sabemos que a tradição está intimamente ligada à cultura de um povo, que também é mutável. Ademais, e, talvez, seja algo necessário de se dar ênfase, que uma nova tradição ou cultura não anula uma outra. Nesse sentido, Santos (2011, p. 53) nos diz:

A tradição pode ser entendida como sendo aquilo que persiste do passado no presente, presente em que ela continua agindo e sendo aceita pelos que a recebem e que, por sua vez, continuarão a transmiti-la ao longo das gerações. Não há tradição cultural que não esteja ligada a um dado grupo social, embora não haja nenhuma sociedade que não possua cultura própria, não se pode pensar que a cultura seja a reprodução idêntica de um conjunto de hábitos imutáveis.

---

<sup>7</sup> Vicente Ferreira Pastinha, ou Mestre Pastinha, responsável por contribuir com a reestruturação da Capoeira Antiga, ressignificando-a e atribuindo uma nova nomenclatura, a Capoeira Angola (ABIB, 2005).

As culturas mudam, pois estão imersas em turbulências históricas e integram os processos de mudança.

Nesse caminhar, o Mestre Bimba ao criar esse novo estilo na capoeira baiana, a antiga passou a ficar, de certa maneira, no ostracismo, no esquecimento e ocorreram rupturas em sua identidade social (POLLAK, 1992). Assim, a capoeira antiga baiana se viu impulsionada a mudar a sua identidade de grupo e começa a reconstitui-la a partir da década de 1940. Um dos passos foi a mudança da nomenclatura de Antiga para Angola; como também mudanças de posturas e ações dentro da capoeiragem (VIEIRA, 1998).

Assim, buscou-se rever, o que não estava atraindo os capoeiristas daquele contexto. Nessa perspectiva, Vieira (1998) assevera que a maioria dos escritos sobre a capoeira antiga dos idos de 1930 a 1950 a tecia como uma cultura exótica e folclorizada. Parte dessa produção foi possível a partir de entrevistas com mestres que iniciaram suas práticas na capoeiragem ainda na década de 1930, a exemplo dos mestres Waldemar do Pero Vaz, Gigante e João Pequeno. Nesse lastro, o precursor da ação de revitalização da capoeira antiga após a incursão do Mestre Bimba foi Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha. De acordo com Abib (2005, p. 65):

Esse processo, no entanto, criou reações no meio da capoeiragem baiana, e logo articulou um movimento liderado por Vicente Ferreira Pastinha, o mestre pastinha, entre outros capoeiras da época, que buscava a preservação das formas originais e tradicionais de praticar a capoeira: a ludicidade e a ritualidade deixadas de lado pela 'eficiência' da capoeira regional. Criou-se então, a denominação de 'Capoeira Angola' para caracterizar essa prática, em oposição às transformações empreendidas por mestra Bimba.

Ora, se baluartes da capoeira antiga endossam que a capoeira dessa época estava perdendo elementos de sua ritualidade, será mesmo que o Mestre Bimba foi o grande responsável por descaracterizá-la? Em razão disso, achamos prudente pensar que o Mestre Bimba foi o contraponto da época por perceber o quanto a capoeira antiga estava se folclorizando e precisava repensar e ressignificar as suas práticas. O Mestre Bimba fez isso a partir da criação de um método para a capoeira e não se afastou de rituais, além de introduzir novas tradições através da capoeira regional.

[...]  
Lá se foram pelo caminho.  
O Angoleiro e o Regional.  
Cada qual se debatendo.  
Ao soar do berimbau.  
A discussão foi aumentando.  
De maneira gradual.  
[...].  
(ALFREDO, 2005, p. 2).

Essa dicotomia entre as capoeiras regional e angola é legítima e muito se é discutida no meio dos capoeiristas. No entanto, é importante dizer, também, que há divergências dentro das capoeiras angola e regional, ou seja, capoeiras que se intitulam ser angola e/ou regional apresentam diferenças internas. Nesse sentido, Vieira (1998, p. 89) em entrevista com o saudoso e respeitado Mestre João Pequeno, ouve dele que a coisa se modificou demais, se referindo à capoeira angola, diz ainda que muitos afirmam que são adeptos da angola porque jogam embaixo, mas, segundo o Mestre João Pequeno, Angola não é isso.

Na capoeira regional, também há controvérsias, porque o Mestre Bimba criou e deixou uma pedagogia para ser seguida que contempla: Método, Rituais/Tradições e Princípios. Na atualidade, o persona que busca preservar e eternizar a invenção do Bimba é o Mestre Nene<sup>8</sup>, seu filho. Dessa forma, Nene (2018, p. 40) dá exemplos genéricos de grupos que se intitulam ser regional apenas porque aceleram o toque de berimbau e jogam a maior parte em cima, pouco colocam a mão no chão para fazerem algum movimento, seja de defesa, seja de ataque.

[...] o jogo começa lento e, conforme acelera, os movimentos no jogo se tornam mais rápidos e altos. Isso não faz sentido para a filosofia da Regional, pois resume tudo a acelerar os golpes. Embora existam ritmos de velocidades variadas dentro da nossa metodologia, o fato de haver jogos mais rápidos não a define de forma nenhuma. Resumir a Capoeira regional como uma velocidade de jogo é inconcebível. (NENE, 2018, p. 40).

Os arquétipos dos mestres João Pequeno e Nene nos habilita a entender o quanto a capoeira, seja ela regional ou angola nos traz reflexões sobre a sua filosofia e sobre a sua forma de ser praticada. Além disso, dá a entender que existem grupos, escolas, agremiações etc., que não são adeptos nem de uma filosofia, nem de outra, mas sim misturam as duas e criam outras como a Capoeira Contemporânea e seguem seus caminhos. Não vemos problema nisso, pois a capoeira é livre, é libertária, porém tem que ser tratada com respeito e distinção.

[...]  
Com toda prosopopéia  
Acabou-se o dilema  
Regional com Angoleiro  
No traçado teorema  
Vão de braços dados  
A beber uma jurema.  
[...].  
(ALFREDO, 2005 p. 8).

Este final é emblemático porque enaltece a importância destes baluartes da capoeira Regional e Angola, porque fica implícita a ideia de que essa disputa de quem seja melhor Bimba ou Pastinha não mudará a história de glórias dos dois, pois, de certa forma, ambos se equivalem pelo que fizeram pela capoeiragem em relação ao descortinamento dela para o mundo.

#### ***e. Histórias da Capoeira Pernambucana***

Esta obra narra a saga pernambucana da capoeira renascida através do Me Sinhozinho e do Me Bimba, mas sacramentada pela linhagem do Me Mulatinho, o qual contribuiu com a formação de diversos outros mestres e educadores sociais. Nesse contexto, este cordel nos faz lembrar o período da proibição da capoeiragem a partir da República Velha, quando da implementação do Código Penal Brasileiro (CPB), de 1890.

Em 1890 proibida por Decreto  
A Capoeira sai de cena  
resistindo em secreto...  
Essa grande repressão

---

<sup>8</sup> Presidente da Filhos de Bimba escola de Capoeira e diretor vitalício da Fundação Mestre Bimba.

teve grande consequência  
dela não mais se falava  
apesar de sua existência.

Sabe-se que permanecia oculta  
sorradeira, marginal  
nos terreiros, pelo Cais  
nas troças de Carnaval.  
[...].  
(MULATINHO, 2008, p, 1).

Ao analisar o contexto do homem negro do Império e da República Velha, vemos, em jornais, o envolvimento dele em ilícitos, estando assim em desordem. Furtos, roubos, estupros e assassinatos eram comumente publicados nessas mídias. Nesse lastro, e não querendo justificar o crime, deixamos evidente que ao negro não era dado/oferecido empregos duradouros, em que eles pudessem se estabelecer com uma renda mensal, por exemplo, pois eram forçados como pessoas destituídas de inteligência e capacidade para o mesmo trabalho do homem branco.

Sobravam trabalhos de menor visibilidade social como de ferreiros, de carroceiros, de carregadores etc. Ressaltamos que esses tipos de funções exercidas por negros se configuravam de maneira sazonais e, dessa forma, muitos deles ficavam ociosos e iam para as ruas em busca de algum trabalho. Estar na rua sem trabalho na República Velha era sinônimo de vadiagem, daí poderiam ser presos pelo crime do mesmo nome, de acordo com o Artigo 399, do CPB, de 1890 como se vê a seguir.

Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite; prover a subsistencia por meio de occupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes: Pena - de prisão cellular por quinze a trinta dias. (BRASIL, 1890).

Não somente o art. 399 engessava as ações dos negros dessa época, porque o código tinha outras formas de punir, como proibi-los de se manifestarem pelo corpo com as suas danças, luta, religião e em todas as manifestações de matriz afro-brasileira. Se não os prendessem pela “falta de trabalho”, os prendiam por estarem folgando em momentos de descanso de um trabalho para o outro, por exemplo. Tudo leva a crer em um projeto eugênico para limpar as ruas em tempo de *Belle Époque*, ou seja, época de mudanças de ordem social, cultural, econômica etc. Um das ações era transferir os moradores de casarões antigos para longe do centro das cidades.

#### **f. ABC da capoeira para crianças**

De forma pedagógica, esta obra inicia cada uma das vinte e seis estrofes do cordel com uma palavra ora relacionada ao universo da capoeira, ora a virtudes, personalidades da capoeira, a exemplo dos Mestres Bimba, Pastinha. É um ABC, verdadeiramente, um cordel introdutório para um/a jovem conhecer um pouco da capoeira; bem como se inserir pelo mundo do alfabeto.

[...]  
**LIÇÃO** é o que nos ensinam  
Os mestres e professores  
Eles são nossos amigos

Grandes incentivadores  
Os mestres Bimba e Pastinha  
Foram dois grandes valores  
[...].  
(GARCIA, [200-], p. 12).

A partir dessas estrofes, o educador social, professor de capoeira ou um mestre pode inserir o/a discente na história da capoeira e trazer como metáfora formativa o Mestre Pastinha, representante maior da Capoeira Angola e o Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional. Além disso, pode enveredar pela musicalidade e se ancorar no berimbau, o mestre maior da capoeira.

[...]  
**URUCUNGO** também é  
O instrumento musical  
Que comanda a nossa roda  
Como manda o ritual  
É um jeito africano  
De chamar o berimbau  
[...].  
(GARCIA, [200-], p. 21).

O instrumento principal da musicalidade da capoeira é o berimbau. É ele que dita o ritmo, a melodia e todo o *ethos* emanado pelos corpos em atividade no momento de negaciar/balançar e mostrar a malícia, a destreza, a malandragem, a “farsidade” dentro da roda, como dizem os mais antigos dessa cultura. Muitos são os sinônimos para esse instrumento, a exemplo de “Urucungo”, “Berimbau de Barriga”, “Viola”, entre outros. Nesse sentido, de acordo com Oliveira (2019, p. 26), na região de Imbagala, do Império Luanda, esse instrumento era conhecido no pastoreio como “rucungo” ou “violam”. Em outras regiões do continente africano, esse instrumento também era utilizado e apresentava outros nomes.

Ressaltamos que a forma como o berimbau é utilizado na capoeira tem a marca do Brasil, porque foi neste país que esse instrumento foi ressignificado e junto a ele a pedra ou moeda de bronze, de ferro, a vaqueta e/ou baqueta e o caxixi foram incorporados para assim dar harmonia, régua e compasso a vadiação da luta/arte/jogo/dança etc. da capoeira (OLIVEIRA, 2019).

Como um desdobramento das análises dos cordéis a seguir apresentamos uma proposição de intervenção deste conteúdo com inspiração na Sequência Didática (SD) trazida à baila por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) em consonância com a perspectiva do/a discente protagonista, porque toda a produção será efetuada na esteira de Freire (2006), pois não é uma produção ancorada na Educação Bancária de “A para B”, mas sim uma produção de “A com B”.

Nesse sentido, tem a função de apresentar caminhos para o desenvolvimento do texto oral e escrito a partir do gênero Literatura de Cordel em sala de aula. Como proposto pelos autores, o trabalho será sugerido em cinco partes, distribuídos da seguinte maneira: Produção Inicial, Módulo I, Módulo II, Módulo III e Produção Final. A Produção Inicial e os módulos I, II e III terão cada um 100 (cem) minutos; já a Produção Final terá 300 (trezentos) minutos, distribuídos em 3 (três) aulas geminadas de 100 (cem) minutos cada, totalizando 7 (sete) semanas.

Em paráfrase com Becker e Oliveira (2020), em razão de o cordel se tratar de gênero textual que contempla a linguagem oral e a escrita, iniciaremos a SD com a leitura das 6 (obras) obras. Isso é importante para que os/as discentes percebam, nessa literatura, a importância do ritmo e da rima.

No Módulo I, orientamos que discorram sobre a oração, a métrica e a rima por serem as três partes fundantes da literatura de cordel. Em relação ao tipo de rimas, sugerimos que tragam o formato em XAXAXA, ou seja, a segunda, a quarta e a sexta linhas rimam entre si. Importante, nesse caminho, dialogar com um professor de Língua Portuguesa para orientações acerca da metrificação e, se possível, produzir os textos com versos de 7 (sete) sílabas métricas, como o exemplo da obra *Manduca da praia: o lendário Capoeira do Rio Antigo*.

No Módulo II, sugerimos que demarquem quais temas poderão trabalhar, de acordo com o contexto das obras. Vejamos alguns exemplos: na obra *Manduca da praia: o Lendário Capoeira do Rio Antigo*, pode-se buscar o contexto dos anos de 1848. Já com a obra *O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu*, pode-se, por exemplo, trazer questões ligadas ao Plano Real, pois o Mestre Caiçara faleceu no ano de 1997. Outra temática pode ser a República Velha, porque a obra *O encontro de um Angoleiro com um Regional* traz esse cenário, porque o Mestre Bimba criou a Capoeira Regional nessa época.

Feito isso, no Módulo III e na Produção Final, deve-se priorizar a escrita e a correção, bem como a produção da capa dos cordéis e o dia de culminância para a apresentação das produções dos/das discentes.

## Conclusão

Pelos cordéis aspectos históricos da República Velha foram rememorados, a exemplo do papel dos capoeiras como capadócios, ou seja, como espécie de cabos eleitorais que contribuíam com a eleição de políticos dessa época, o que nos faz pensar acerca da corrupção na política nesse período e também nos inclina a repensarmos a nossa conjuntura atual.

Na análise dos cordéis, também percebemos como a discriminação da e na capoeira pode desvelar temática tão latente em nossas vidas, o racismo. Além disso, nesse contexto, outro assunto abordado e caro para aprofundamento em discussão em sala de aula é a intolerância religiosa, algo vigente nos dias atuais. Além disso, vimos a apresentação dos ABC's como formato possível para o trabalho de leitura e de escrita em sala de aula, pois a dinâmica de iniciar as estrofes com uma palavra do alfabeto corrobora aspectos da memória e insere o/a estudante na ampliação vocabular, por exemplo.

Ademais, outro tema importante trabalhado foi a criação de novas tradições, a exemplo da sistematização da Capoeira Regional pelo Mestre Bimba, o que nos remete a pensarmos em trabalhos escolar a partir da apresentação de novas culturas em vistas aos estudantes perceberem que as relações entre as pessoas são dinâmicas e mutáveis.

Vimos ainda, como o trabalho com a literatura de cordel e a capoeira pode suscitar questões emergenciais oriundas da Lei 10.639/2003 uma vez que este elemento da cultura popular nos traz a resistência, o preconceito e o racismo. O cordel é um elemento da memória capaz de suscitar questões como essas. A capoeira apresenta marcas de seu passado de discriminação pelos escritos dos cordéis. Neste sentido, se mostram um recurso pedagógico potente para a compreensão da capoeira na cultura brasileira.

## Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Salvador: EDUFBA, 2005.

ABREU, Márcia. *Histórias de Cordéis e Folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

ALFREDO, Olegário (Gaio). *O encontro de um Angoleiro com um Regional*. Belo Horizonte: [s. n.], 2005. 8 p.

BRASIL. *Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890*. Promulga o Código Penal. [S. l.]: Ministério da Justiça, [1890]. Revogado. Disponível em: [http:// https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=-DEC&numero=847&ano=1890&ato=a2a0TPR5EenpWT4f9](http://https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=-DEC&numero=847&ano=1890&ato=a2a0TPR5EenpWT4f9). Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...]. Brasília, DF: Presidência da República, [2003].

BRASIL. *Dossiê de Registro: literatura de cordel*. Brasília, DF: Iphan/CNFCP, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_Descriptivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descriptivo(1).pdf). Acesso em: 12 mar. 2023.

AZEVEDO, Ricardo. *Cultura popular, literatura e padrões culturais*. Ricardo Azevedo, [S. l.], 2004. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Cultura-popular.pdf>. Acesso em: 14 set. 2018.

BELTRÃO, Mônica. *A capoeiragem no Recife Antigo: os valentes de outrora*. Campina Grande: Plural, 2022.

BECKER, Caroline Valada; OLIVEIRA, Samuel Gomes de. Projetos de leitura e escrita literária para uma educação antirracista: estudando história em quadrinhos e cordel com o sexto ano do Ensino Fundamental. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 1-14, jul./dez. 2020.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.

COLUMÁ, Jorge Felipe. *Da navalha ao berimbau: capoeira e malandragem no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arole Cultural, 2020.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (org.) *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 66. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). *ABC da Capoeira para crianças*. Rio de Janeiro: Projeto Capoeira Viva: Museu da República, [200-]. 22 p.

GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). *Manduca da praia: o Lendário Capoeira do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Projeto Capoeira Viva: Museu da República, 2007. 22 p.

GARCIA, Victor Alvim Itahim (Lobisomem). *O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu*. Rio de Janeiro: Projeto Capoeira Viva: Museu da República, 2008. 22 p.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Vértice: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira*. Brasília. DF: IPHAN, 2014.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2001.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. *Relações étnico-raciais na escola: O papel das linguagens*. Salvador: EDUNEB, 2015.

MARINHO, Izenil Penna. *Subsídios para a História da Capoeiragem no Brasil*. Rio de Janeiro: EDFND, 1945.

MULATINHO, Isa da Rocha. *Capoeiragem no Recife dos Brabos*. Recife: [s. n.], 2007. 8 p.

MULATINHO, Isa da Rocha. *Histórias da Capoeira Pernambucana*. Recife: [s. n.], 2008. 11 p.

NENEL, Mestre. *Bimba: um século da capoeira Regional*. Salvador: EDUFBA, 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, São Paulo, n. 10, 1993. Tradução de Yara Aun Khoury.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *O urucungo de Cassange: um ensaio sobre o arco musical no espaço atlântico (Angola e Brasil)*. Itabuna: Mondrongo, 2019.

PIRES, Antônio Liberac Cardozo Simões. *Culturas Circulares: A formação da Capoeira Contemporânea no Rio de Janeiro*. Curitiba: Progressiva, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo, ano 1, n. 1, jul. 2009.

SANTOS, Adalberto. *Tradições populares e resistências culturais: políticas públicas em perspectiva comparada*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo da Capoeira: cultura popular no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

Data de submissão: 31/01/2023

Data de aceite: 25/04/2023